

## Estratégias de educação ambiental no enfrentamento à emergência climática: Um estudo de caso com mulheres de uma comunidade rural

Environmental education strategies in addressing the climate emergency: A case study with women from a rural community

Stratégies d'éducation à l'environnement pour faire face à l'urgence climatique: Une étude de cas avec des femmes d'une communauté rurale

Jacqueline Carrilho Eichenberger<sup>[a]\*</sup>, Anderson Moser<sup>[b]</sup> & Marília Toralles Campos<sup>[b]</sup>

<sup>[a]</sup>Centro de Educação Ambiental e Preservação do Patrimônio (CEAPP), Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Brasil.

<sup>[b]</sup>Universidade Federal Do Paraná (UFPR), Curitiba, Brasil.

### Resumo

O presente artigo apresenta um estudo de caso numa comunidade rural na região da Galiza, a partir do desenvolvimento de um projeto de educação ambiental, com vista a uma transição ecossocial de baixo carbono. Para o presente estudo de caso, foram coletadas narrativas com mulheres maiores de 65 anos, residentes na comunidade rural de Lavacolla. Com base na análise das narrativas, foi possível refletir sobre o modo como a emergência climática global se experiencia a nível local e comunitário e se interjeta com desafios e experiências quotidianas das mulheres participantes. Memórias do passado são narradas e refletidas, de modo a fomentar a construção de perspectivas sobre futuros climáticos sustentáveis. Os resultados mostram o potencial de projetos assentes em atividades e dinâmicas que partem das necessidades e vivências das comunidades, com vista a processos de descarbonização de estilos de vida, fomentando a mudança individual e coletiva.

**Palavras-chave:** educação ambiental, emergência climática, transição ecossocial

### Abstract

This article presents a case study in a rural community in the region of Galicia, based on the development of an environmental education project aiming at a low-carbon ecossocial transition. For the case study, narratives were collected with women over 65 years old, living in the rural community of Lavacolla. Based on the analysis of women's narratives, the ways in which the global climate emergency is experienced at the local and community level stand out, as well as their

\* **Correspondência:** Rua XV de Novembro, 1299 - Centro, Curitiba - PR, 80060-000.  
**E-mail:** [jacque.carrilho@gmail.com](mailto:jacque.carrilho@gmail.com)

intersections with the challenges and daily experiences of the participating women. Memories of the past are narrated and reflected upon, in order to foster the construction of perspectives on sustainable climate futures. The results show the potential of projects based on activities and dynamics that start from the needs and experiences of communities towards a lifestyles' decarbonization, fostering individual and collective change.

**Keywords:** environmental education, climate emergency, ecosocial transition

### **Résumé**

Cet article présente une étude de cas dans une communauté rurale de la région de Galice, basée sur le développement d'un projet d'éducation environnementale en vue d'une transition écosociale bas carbone. Pour la présente étude de cas, des récits ont été recueillis auprès de femmes de plus de 65 ans, vivant dans la communauté rurale de Lavacolla. Basé sur l'analyse des récits de femmes de cette communauté rurale, il réfléchit sur la manière dont l'urgence climatique mondiale est vécue au niveau local et communautaire et recoupe les défis et les expériences quotidiennes des femmes participantes. Les souvenirs du passé sont racontés et réfléchis, afin de favoriser la construction de perspectives sur des futurs climatiques durables. Les résultats montrent le potentiel des projets qui partent des besoins et des expériences des communautés, en vue de décarboner les modes de vie, de favoriser le changement individuel et collectif.

**Mots-clés:** éducation à l'environnement, urgence climatique, transition écosociale

## **1. Primeiras palavras: introdução**

Sabemos que a emergência climática é um dos principais problemas que a humanidade deverá enfrentar neste século. Assim, a emergência climática e as crises adjacentes se intensificam, na medida em que a exploração excessiva do ambiente em nome de um sistema neoliberal se acentua e potencializa o que Trevisol (2003) denominou de crise socioambiental, a qual perpassa por diferentes dimensões de ordem econômica, social, política, epistemológica e ecológica, ocasionando a extinção em massa de diferentes espécies e agravando ainda mais a desigualdade social em todo o mundo.

Considerando que há uma base sólida e científica que respalda o *Antropoceno*, ou seja, uma nova era geológica capaz de demonstrar a influência antropogênica no Planeta, autores como Crutzen e Stoermer (2000), Salgado-Laboriau (1996) e Williams (2016) estimaram que, diante de uma crise global e tecnológica sem precedentes, a partir do ano 2000 os seres humanos tomariam progressivamente consciência dos perigos de sua atividade econômica de produção e consumo desenfreado. Assim, podemos questionar quais são os principais argumentos que podem nos levar a ter mais ou menos uma noção sobre a situação atual do Planeta, para que, em uma concepção latouriana, o Antropoceno deixe de ser uma fase de descoberta inconveniente e desesperadora – humanos como força geológica, para ser o indício de uma era completamente diferente: a de uma civilização possível.

Sabe-se que as alterações climáticas não acontecem de um dia para o outro e, também, não

será a primeira vez que o planeta enfrentará mudanças no clima. Fato é que, para os cientistas, o clima vem mudando gradativamente ao longo da história geológica da Terra. Todavia, o que tem preocupado as comunidades científicas tem sido justamente a mudança rápida e drástica da temperatura global, potencializada não pelas variações naturais do sistema climático, mas pelas ações antrópicas oriundas do nosso estilo de vida econômico (Intergovernmental Panel on Climate Change [IPCC], 2021).

Embora as informações sobre a mudança do clima possam parecer distantes, abstratas e neutras, na Espanha, segundo Heras Hernández et al. (2016), as mudanças trarão grandes impactos na produção de alimentos, saúde, turismo e para a conservação da biodiversidade. Criado em 2000, o Grupo de Investigação em Pedagogia Social e Educação Ambiental (SEPA) é constituído no Departamento de Teoria da Educação, História da Educação e Pedagogia Social da Universidade de Santiago de Compostela (USC). O SEPA pretende contribuir para colocar a Pedagogia Social e a Educação Ambiental como áreas de investigação relevantes para as ciências sociais e da educação, e desenvolver uma atividade científica acadêmica comprometida e inovadora que dialogue com diversos agentes sociais e institucionais, propondo estratégias que sejam úteis para a sociedade, o bem-estar e a qualidade de vida da população.

E possível concordar com Iglesias da Cunha et al. (2020) que os projetos de Educação Ambiental para adultos são escassos, destinados a um público geral desprovido de metodologia e outros fatores que reduzem seu potencial de impacto transformador. Os/As mesmos/as pesquisadores/as apontam a necessidade de articular mecanismos sociais que acelerem ou iniciem uma situação de baixa de carbono, no que se traduz ser fundamental contar com a população. Nessa tessitura, a Educação Ambiental se revela indispensável. Ademais, as investigações sociais com foco nas dimensões culturais, de identidade e emocionais compreendem que as identidades coletivas têm uma influência muito mais forte sobre os comportamentos e crenças das pessoas que a competência científica em relação à emergência climática.

Assim como as emoções, a empatia se mostra intrinsecamente relacionada na busca de soluções locais eficientes da problemática sobre as transformações no clima. Perceber a representação social da problemática ou como a população conhece, percebe e avalia a emergência climática. Para autores como Moscovici (1986), as representações sociais tratam do conhecimento caracterizado como sentido comum que tem por finalidade primeira tornar conhecido o desconhecido. Assim, têm como finalidade adotar um sentido socialmente compartilhado de fácil comunicação e identidade dentro de um grupo social.

Para os pesquisadores do SEPA, as alterações climáticas constituem o maior risco ambiental que a humanidade terá de enfrentar nas próximas décadas. É por este motivo que o SEPA desenhou o projeto “Descarboniza! que non é pouco...”, que busca organizar e acompanhar grupos de pessoas que estejam dispostas a “descarbonizar” os seus estilos de vida,

reduzindo assim as suas emissões de gases de efeito estufa de forma a fortalecer a resiliência e facilitar a transição ecológica para sociedades e comunidades de baixo carbono. Assim, durante os anos de 2016 e 2017, uma iniciativa piloto, por meio de um convenio de colaboração com o Concelho de Santiago de Compostela, possibilitou que fossem realizados encontros nos centros socioculturais de Vite, Lavacolla e Fontiñas, e deram início às atividades do projeto com a organização de grupos naqueles centros localizados na cidade de Santiago de Compostela. De acordo com os/as organizadores/as e responsáveis, na urgência de se buscar transformações imediatas, adotou-se uma metodologia orientada ao público adulto – com potencial multiplicador.

Para os/as pesquisadores do projeto, tal público, principalmente o mais velho, se caracteriza como um coletivo com maior capacidade de agir no presente, apesar de secundário nos programas e projetos de educação ambiental que, normalmente, têm se centrado nos públicos escolares, urbanos e de classe média. Os/As pesquisadores optaram por uma metodologia de intervenção continuada junto a grupos de pessoas adultas, mediante uma dinâmica baseada na conversação informal onde se compartilharam interesses e conhecimentos, reflexões sobre o cotidiano, acordos, estratégias que poderiam reduzir suas emissões individuais e coletivas. A partir daí, o Projeto Descarboniza organizou ações junto a comunidades com a proposta de reduções das emissões de gases de efeito estufa de forma pessoal e coletiva. Por meio de sessões formativas, foram realizadas caminhadas pelo bairro, leitura energética das faturas de energia, leitura dos rótulos de alimentos consumidos, imagens e diálogos, além de oficinas de preparação de alimentos.

O presente artigo apresenta um estudo de caso numa comunidade rural na região da Galiza, a partir do desenvolvimento de um projeto de educação ambiental com vista a uma transição ecossocial de baixo carbono. Para o presente estudo de caso, foram verificadas 15 narrativas com mulheres maiores de 65 anos, aposentadas, residentes na comunidade rural de Lavacolla. Com base na análise de narrativas de mulheres nessa comunidade rural, reflete-se sobre o modo como a emergência climática global se experiencia a nível local e comunitário, e se intersecta com desafios e experiências quotidianas das mulheres participantes. Memórias do passado são narradas e refletidas, de modo a fomentar a construção de perspectivas sobre futuros climáticos sustentáveis. Os resultados mostram o potencial de projetos assentes em atividades e dinâmicas que partem das necessidades e vivências das comunidades, com vista a processos de descarbonização de estilos de vida, fomentando a mudança individual e coletiva. Neste sentido, é relevante evidenciar o envolvimento das pessoas com posturas adequadas a um modelo de transição ecossocial.

## **1.1. Um presente de incertezas: o contexto espanhol e a região da Galiza**

No que trata da educação ambiental e as mudanças climáticas a partir da região de estudo, na Galícia, não é difícil perceber que a educação ambiental enfrenta hoje uma crise. Observa-se que é necessário observar os preocupantes sinais emitidos nesse campo (Meira Cartea, 2015). O/A pesquisador/a alerta para algumas questões no cenário das instituições, como por exemplo, a redução dos recursos econômicos oriundos das administrações públicas para projetos voltados à temática; a situação profissional dos/as educadores/as ambientais quando do aumento dos índices de falta de profissionalização dos/as envolvidos e ainda menciona a falta de colocação desses/as profissionais. Na região da Galícia, segundo o/a pesquisador/a, a educação ambiental não tem dado conta de superar os conflitos e suas debilidades internas.

A partir de abordagens mundial, espanhola, galega e local, os estudos do Projeto Fênix, vinculados aos/as pesquisadores/as do SEPA, apontaram alta percentagem dos/as que não têm conhecimento de problemas ambientais, representando 20,1%, e dos/as que mencionam somente um, com 44,9%. Para os/as pesquisadores/as, isso demonstra a continuidade de uma imagem difusa dos problemas ambientais e da crise ambiental a nível global. Observa-se que 21,5% indicaram como problemática ambiental as mudanças climáticas, seguidos de 24,1%, que indicaram a contaminação do ambiente. Os estudos demonstram que a mudança climática ocupa o segundo lugar como problemática ambiental na percepção dos/as entrevistados/as na região galega (Meira Cartea, 2010, p. 16). Novamente, os/as pesquisadores/as ressaltam 29,2% como claro indicador da superficialidade da “cultura ambiental”, pela limitada capacidade de uma parte significativa da população identificar problemas concretos. A contaminação e a contaminação industrial aparecem, respectivamente, com 13,3% e 12,7%. Observa-se que, em primeiro lugar, se destacam os incêndios florestais, com 43,3 % referências, informando que tal preocupação atinge 4 de cada 10 galegos/as (p. 19).

A partir destas reflexões, faz-se necessário destacar indicadores que possam contribuir junto aos processos de educação ambiental (Meira Cartea, 2015). Tais indicadores referem-se, principalmente, à importância do contexto, já que, embora a sociedade galega apresente perfil similar a outras de seu entorno, faz-se necessário considerar os elementos característicos de sua própria cultura. Ao constatar os mesmos estereótipos e pensamento reducionista que associam a educação ambiental ao meio natural voltadas a um público infantil escolarizado, com base somente na transmissão de conhecimentos, os pesquisadores do SEPA compreendem que tal lógica não é efetiva, já que as ações de enfrentamento não condizem com a realidade.

Assim a importância de um olhar voltado à sensibilização, às emoções, à ética, à cultura, identidades centradas no aspecto social, comunitário. A necessidade de se pensar em novas metodologias, temáticas e público-alvo, reformulando a proposta educativa. Para além de um problema abstrato, longínquo e neutro, ou seja, não associado a problemas locais, outro que tenha como objetivo organizar e acompanhar grupos de pessoas dispostas a descarbonizar os

seus estilos de vida. A emergência climática requer ações imediatas, coletivas. Neste sentido, informações oriundas de pesquisas em Educação Ambiental em interface com a emergência climática reverberam sobre a urgência de se construir atitudes para responder com eficácia ao eminente risco, por meio do fortalecimento de movimentos de comunidades em transição (Pardellas Santiago et al., 2017; Taibo, 2019).

## **2. Percorrendo o caminho: apresentação do Projeto Descarboniza e definição do estudo de caso**

O “Projeto Descarboniza! Que não é pouco” / SEPA / USC desenvolveu-se a partir de dinâmicas relativamente espontâneas com a comunidade, com base em ideias recolhidas em encontros socioambientais organizados pelos/as pesquisadores/as. As ideias que emergiam nestes encontros orientavam as atividades que foram sendo desenvolvidas nos encontros seguintes. O grupo de Lavacolla foi um dos primeiros a se integrar no projeto e já tinham compartilhado experiências em várias dinâmicas metodológicas, entre elas: organização de caminhada pelo bairro para identificação de paisagens naturais e culturais de forma a resgatar memórias sobre o local; discussão em grupo – onde as participantes se reuniam para destacar as potencialidades dos ambientes locais, assim como as fragilidades que os mesmos apresentavam nos dias de hoje; visita as hortas urbanas de Belvís de cima e de baixo – espaços públicos disponibilizados pelo Concelho de Santiago às/aos cidadãs/os para serem utilizados para o plantio de hortaliças; leitura energética das faturas de energia – as participantes traziam sua fatura de energia elétrica para esclarecimento das dúvidas quanto aos gastos com energia elétrica; leitura dos rótulos de alimentos consumidos com foco na procedência, ingredientes e outros elementos presentes na composição; dinâmica sobre os efeitos da emergência climática no mundo por meio de imagens e diálogos, e organização de uma oficina de cozinha alternativa onde produziram alimentos livres de carne e preparação de conservas e compotas.

Para o presente artigo foram realizados estudos documentais da região, conforme a disponibilização de instituições locais e da produção científica desenvolvida pelos pesquisadores do SEPA, capaz de identificar contexto, problemática e alternativas relacionadas à temática estudada. Paralelo às atividades, o engajamento nas atividades do Projeto Descarboniza, no acompanhamento de ações junto a comunidades com a proposta de reduções das emissões de gases de efeito estufa de forma pessoal e coletiva. O estudo de caso reuniu 15 narrativas de mulheres maiores de 65 anos residentes na comunidade rural de Lavacolla. Embora se apresentassem, a princípio, alheias às questões climáticas, elas mantêm participação ativa na comunidade junto ao centro cultural local. Considerando que o Projeto tenha envolvido recolha extensa de dados nas comunidades de Vite, Conxo, Castineirinho e Fontineas, totalizando 45 narrativas, este artigo é focado nos dados recolhidos na comunidade de

Lavacolla, uma vez que esta comunidade revelou o maior número de participantes (15), disponibilidade e maior adesão às atividades do Projeto Descarboniza.

Para Kalpita Bhar Paul (2017), é chegado o momento de desenvolver uma filosofia engajada que permita entendimentos filosóficos na abordagem de questões ambientais do mundo cotidiano. Assim, conforme Paul, existe a necessidade de explorar outras metodologias que seriam capazes de oferecer a oportunidade de fazer uma filosofia engajada. A interpretação das narrativas coletadas teve por base metodológica a pesquisa fenomenológica – *Phenomenological Research Methodology* (PRM), desenvolvida por meio da análise interpretativa da pesquisa fenomenológica – *Interpretive Phenomenological Research Approach* (IPRA), descrita principalmente por Paul.

As narrativas – foco do presente estudo – foram orientadas de forma semiestruturada e coletiva, conforme Paul (2017), por meio de uma “roda de conversa” entre as participantes. Durante as narrativas, foi dada liberdade para as participantes discorrerem sobre os aspectos que consideravam mais importantes de suas histórias de vida, individuais e coletivas. Todas as quinze participantes tiveram espaço para discorrer sobre suas histórias. A coleta de narrativas teve duas horas de duração. Finalmente, todo o material coletado foi organizado em uma base de dados. Foram recolhidos arquivo de áudio e imagem com as narrativas das participantes para posterior transcrição da gravação, tradução do Galego para o Português e anotações da pesquisadora. Após as etapas descritas foi possível identificar nas narrativas unidades de significado como: gênero, espaço geográfico, relações sociais, o mundo do trabalho, religião.

### **3. A educação ambiental como estratégia para o enfrentamento à emergência climática em comunidades de transição: um olhar a partir da Galiza**

Dando continuidade às sessões formativas e oficinas desenvolvidas pelo projeto na comunidade, alguns encontros permeavam a exposição de várias imagens sobre consumo de carne vermelha, consumo exagerado de alimentos e embalagens, degelo, tecnologia, protestos climáticos, aviões, políticos, desertos, eventos climáticos, entre outros, ampliavam-se as discussões para sua vida cotidiana, como a quantidade de carros na rua, o excesso de consumo de carne, a energia nuclear, entre outros. Ainda as discussões sobre os gases de efeito estufa e como ele se relaciona ao aumento do consumo em tudo. Durante essas sessões formativas, foi possível às participantes uma grande reflexão e um aprofundamento sobre as causas e consequências da emergência climática, assim como das ações que possam ser feitas para reduzir suas emissões de forma pessoal e coletiva, a partir de um grupo de comunitários/as dispostos a transformar os seus hábitos de vida, de forma lúdica, dinâmica e complexa, e que permita aos/às envolvidos/as ajuda mútua sobre como reduzir as suas emissões, aquelas

relacionadas à sua alimentação, transporte, ou a qualquer questão relacionada à vida cotidiana. Ainda, a possibilidade dessas participantes, maiores de 65 anos, dialogarem com seus filhos/as, netos/as, vizinhos/as, entre outros/as.

### 3.1. Narrativas de mulheres da comunidade de Lavacolla<sup>1</sup>

Em uma paisagem essencialmente rural, caracterizada por ruas de terra, casas, igreja, praça, ruínas, rios, pastos, campos, estrada e pequenos cultivos domésticos, entre flores, cheiros, pimentas e morangos, de fragmentos de histórias de vida foi possível coletar algumas impressões junto ao grupo de mulheres participantes do “Projeto Descarboniza! Que não é pouco”. Logo de início foi possível identificar forte conotação de significado relacionado à condição de gênero. Observou-se a importância do gênero quando da relação deste com o trabalho, território e religião. As mulheres de Lavacolla se expressam em uma linguagem própria – no idioma Galego. São mulheres bravas, fortes, sacrificadas pelo meio rural e são fiéis à sua história. “Meu pai, à vezes, ajudava minha mãe, ele acendia o fogo, mas minha mãe amassava o pão” (Amparo).

A ausência dos homens durante o período em que emigravam para outros países na busca de melhor condição econômica para suas famílias proporcionou uma oportunidade para que as mulheres conquistassem sua própria posição no meio rural. Mesmo quando não emigravam para outros países, eram os irmãos que saíam para estudar, outros irmãos eram militares, a mulher costurava na máquina, eternas “amas de casa” (Belén) e “movíamos o carro de lenha para abastecer os fornos e assar o pão” (Carlota). Estas vozes femininas se revelam de imediato com o que menciona Paul (2017) sobre o papel que os indivíduos pressionam, assim como a forma como os papéis são moldados em sua vida cotidiana, a definição desses papéis no contexto e sua influência junto ao fenômeno estudado. Assim, na leitura das narrativas, colhemos o testemunho de parte de suas existências, de uma existência de baixo consumo energético, alimentar, de quando ainda eram jovens, meninas.

Viveram toda a vida em torno do trabalho de cuidar da casa, dos/as filhos/as, da alimentação, cuidar das plantações, da alimentação dos animais, da ordenha das vacas, de coletar ovos, cuidar da lenha para o fogo. “Acordávamos de manhã e tínhamos que cuidar das vacas, dos bois, das éguas” (Demétria); “colhíamos as ervas do campo e só depois íamos à escola” (Ester). Mulheres que clareavam as roupas nas noites de lua até o algodão se rasgar nas pedras do rio e trabalhavam ainda quando meninas. Nasceram na relva e às vezes em um cesto de ervas. Mulheres integrantes de famílias numerosas que viram seus pais e irmãos partirem: “Na nossa

---

<sup>1</sup> Os nomes atribuídos às mulheres são fictícios, assegurando o anonimato das participantes.

casa éramos quinze” (Felícia). Mulheres que se intitulam “direitas como qualquer outra mulher, mulheres que trabalham” (Guiomar). Experimentavam a sociabilidade do pão – quando realizavam a fornada semanal para alimentar quinze pessoas e a atividade mantém a casa aquecida durante todo o processo, cheiro de pão fresco para as numerosas famílias. Viveram a escassez, não se tinha muito alimento e precisavam dividir a comida. “Vendíamos os ovos e as verduras para comprar um melhor azeite, não tinham muito para comer” (Imaculada) e “os doentes recebiam apenas um caldo esquisito” (Helena).

Durante os tempos difíceis enfrentados por uma família, seja devido a tumultos políticos ou calamidades naturais, as mulheres obviamente desempenham um papel crucial no sustento da casa. Devido a estes, pode-se dizer que as mulheres desta área têm sua própria identidade nesta sociedade. Observa-se uma relação forte com o lugar e a questão do trabalho se torna fundamental em suas representações, onde definem o seu modo de ser. Gênero, lugar, trabalho ressaltam para além das categorias. Na filosofia pré-socrática, a morada representava, sobretudo, o conceito de ethos, modo em que este ser realiza sua humanidade, construção do tecido de relações da existência. Disseram que as coisas eram difíceis, porém “tudo tinha mais sentido” (Luz). Pagavam a metade do que ganhavam e relatam muitos/as filhos/as. Mas na beira da noite as mulheres de Lavacolla liam o Rosário. “Todas tinham que rezar. Todas as noites, todas, todas, todas, não podiam sair, tinha que ficar lá” (Amparo). Segundo as narrativas, havia um Cristo em todas as casas e todos/as tinham que rezar quando o sol começava a partir.

Contam que “tinha muito fogo nos montes, pois os vizinhos precisavam limpar os terrenos” (Magnólia). O fogo foi uma ferramenta utilizada na Galícia para a gestão das atividades agropecuárias e florestais desde o Neolítico. O problema é que agora apenas existe uma política florestal que privilegia os monocultivos de espécies arbóreas de rápido crescimento – eucaliptos, pinheiros – quando o abandono das atividades tradicionais agropecuárias gera condições de vegetação explosiva. Dizem que “Também tinham os moinhos, os moinhos estavam nas escrituras das propriedades” (Norma). “As águas dos rios também estavam nas escrituras em documento datado por volta de 1703” (Ofélia).

Para Inwood (2002), no universo construído sobre a vida cotidiana das pessoas, Heidegger (1927/1995) explica que o *ser-com-os-outros* se mantém entre os dois extremos de solicitude – aquele que salta sobre o outro e o domina e aquele que salta diante do outro e o liberta. A cotidianidade se contenta com o habitual, mesmo quando ele é opressivo, é uniforme, mas é capaz de encontrar variedade em tudo o que possa advir do dia e se reinventar. A cotidianidade é inevitável. Para Heidegger (1927/1995), os seres humanos não são até que se criem relações com um mundo, ou seja, são na medida em que são-em, na medida em que possuem um mundo, abrem o sentido de um mundo. Os vários modos de ser-em da existência humana caracterizam, dessa maneira, as abstrações do ser humano. Nossa relação primeira com o mundo não se dá por nenhuma forma de conhecimento. Dá-se através do manuseio, do uso, do contato, do modo

de ser.

Contam as mulheres que, para entrar em Santiago para fazer a venda das coisas, precisava-se pagar um imposto, “tudo que levava de casa para vender, um frango, tem que pagar imposto” (Maria), dizem que “tinha ali um guarda que ficava cobrando o imposto, saia pela Rua de São Pedro: – Mas o que a senhora está levando aí? – Estou levando o porco do Cura. – Ah sim, pode passar” (Perpetua). Assim, nossa narradora recorda orgulhosa de como, vez por outra, passava pelo guarda que queria cobrar impostos sobre o seu trabalho e como alguns porcos, verduras e ovos entravam na cidade sem pagar os tributos. “Era tudo diferente, pois as casas tinham muita fumaça, a luz era de velas” (Magnólia), mas tudo, segundo elas, “era normal” (Ofélia). Tinham o rádio e o homem que seguia cantando até à igreja. “Mas não foi um drama, pois todos eram iguais” (Ester). Na Galícia, as áreas rurais foram caracterizadas por pequenas propriedades. Nestas propriedades, que se perpetuaram até aos dias de hoje, se desenvolve praticamente a agricultura, a criação de gado e de outros animais domésticos.

Na narrativa das mulheres de Lavacolla, o clima se transformou muito. Recordam-se de inundações. “Tinham os muitos caminhos para chegar até à cidade, caminhos de terra que cruzavam os montes para levar as batatas” (Helena). Contam sobre “as botas de borracha nos dias de chuva e os sapatos de missa no trajeto até a igreja. Tínhamos muita chuva” (Maria). O barro das casas, “os animais ficavam dentro das casas, não me lembro de passar frio” (Amparo). Apontam ainda existir ali o mesmo modo de vida nos tempos de hoje, “Tereza tem porcos em casa e não tem odor” (Carlota). Observam que “o inverno era inverno e o verão era mais curto” (Demétria), “As chuvas diminuíram por aqui nos últimos dois anos” (Maria), tal fato é uma realidade. Reconhecem que a vegetação característica do lugar necessita de água. “Recordo quando criança um musgo que crescia e hoje não tem mais” (Guiomar). “Deveríamos ter aqui umas castanheiras” (Helena), algo que para elas seria muito mais eficiente em relação à vegetação exótica da região, já que se pode comer os frutos. Mas entendem que “a castanha aqui não se dá muito bem, é melhor ir para Ourense” (Belén). “O eucalipto comeu a castanha” (Maria).

Relatam que “o ‘Projeto Descarboniza! Que não é pouco’, a mim parece muito claro várias coisas, como posso ajudar, este mundo vai tão rápido” (Magnólia). As mulheres de Lavacolla compreendem que o que podem fazer é começar por suas casas. “Não queimar os montes?”, reflete Imaculada. Conscientes do poder nas tomadas de decisões, questionam até que ponto as alterações do clima são pautas de interesse de nossos/as governantes. Observa-se, ao mesmo tempo, uma pertença ao lugar: “Temos o costume de querer ter coisas que não temos, como vegetação que não é daqui e frutas que não são daqui” (Luz). “Temos que priorizar os produtos locais” (Maria).

“Minha vida não foi das piores”, reflete Maria; “tínhamos uma vida dura, mas tinha um pensamento feliz, tinha mais alegria, hoje cada um anda por seu lugar, não estão mais todos juntos” (Norma), observa-se um êxodo rural onde agora saem os/as mais jovens para a escola,

trabalho, ou mesmo morar na cidade. Para elas, quando a vaca não dava leite, tinham a casa da tia, como se fora o mais normal no mundo, “pois viviam todos juntos, havia outra humanidade na gente. Todos os/as vizinhos/as trabalhavam juntas/os” (Carlota). Para elas, hoje no campo tem menos gente.

Questionam “qual o propósito do coletivo?”: “A união, a colaboração, a confiança” (Amparo). As mulheres de Lavacolla, a partir de uma primeira reflexão sobre as ações do Projeto, se mostraram conscientes dos produtos que hoje chegam às suas casas, “acho que só isso vale a pena” (Maria), colhemos em uma narrativa. “Eu vejo igual” (Ester), diz a sua companheira. “Compramos as coisas e não lemos a procedência” (Maria). Reclamam por ter ido fazer compras de alimentos e nenhum era espanhol. Compreendem que se tivessem produtos na horta resolveriam muitos problemas e se passassem a prestar mais atenção na leitura mensal de seus gastos de energia poderiam até economizar na fatura da luz. Refletiram sobre os efeitos climáticos oriundos de nossos consumos, como alimentação em grande escala no mundo e o consumo de carne e seus efeitos no planeta; o consumo de petróleo, os efeitos das viagens de avião, o descarte de produtos tecnológicos, o degelo dos polos, entre outras informações trazidas pelo Projeto.

As indagações foram um momento precioso durante a sessão porque, a princípio, não têm como seguro tudo o que podem fazer. A metodologia adotada pelos/as pesquisadores/as do projeto contribui para este estado de tensão quando atribui o caminho a ser percorrido aos/às próprios/as participantes: “Quero descobrir agora como chegamos com este projeto, não sei como posso ajudar, parece que não depende de mim, mas podemos fazer algo no nosso dia a dia” (Ofélia). Insistem que “aprendem umas com as outras e aprendem coisas que não sabem” (Luz). Assim, parece normal questionar aquilo que é novo, emergente, uma espécie de angústia que interrompe o cotidiano e o que vinha sendo familiar se torna estranho. Estranheza, para Heidegger (1927/1995), significa não se sentir em casa. Na angústia, o mundo das ocupações cotidianas, familiares e tranquilas, perde a importância. A angústia revela o ser para o *poder-ser* mais próprio, ou seja, o *ser-livre* para a liberdade de escolher e acolher a si mesmo/a. O autor compreende que a angústia arrasta o *ser-livre* para a propriedade de seu ser enquanto possibilidade. A presença como *ser-no-mundo* entrega-se, ao mesmo tempo, à responsabilidade desse ser.

Assim, apreendemos com as mulheres de Lavacolla um modo de ser em suas relações com os outros seres humanos e não humanos, com o lugar e com aspectos de sua cultura, ou seja, com um modo de vida original, local, a partir de uma visão global. Para além de uma cosmovisão do mundo, as narrativas possibilitaram a análise existencial. Heidegger nos dirá que só se pode compreender o ser sendo, onde, diferente do ente que possui características, os aspectos sobre o ser precisam ser revelados a nós dentro de um horizonte, da sua temporalidade, da sua existência. A imersão no local – centro sociocultural – garantiu a imersão no contexto. A roda

de conversa termina. “Foi uma tarde agradável” (Amparo). Deixámos o centro cultural já era noite com uma enorme lua no céu [nota de campo].

### 3.2. Passado, futuro e as reflexões de um presente em comum

Contam as mulheres sua labuta diária em relação ao trabalho e de como as coisas se modificaram de lá para cá, nos últimos 20 anos. Contam que tudo se modificou rápido e, se antes não tinham nada, hoje tudo é fácil demais. Antes não havia energia e as trocas entre os/as vizinhos/as eram comuns, hoje tudo que existe tem um preço. “Antes tinha de fazer o terreno e cuidar, hoje sequer plantam os tomates” (Maria). Somente quem tem um emprego fora de casa pode conseguir algo. Refletem sobre as coisas que levam à destruição do planeta em nosso dia a dia, sobre a diferença entre o consumo exagerado de carne nos dias de hoje e de quando tinham de matar um porco. Falavam em trigo, toucinho, leite e batatas. Dos alimentos que se conservavam frescos por vários dias sem precisar de refrigeração, dos pães e das roscas doces que faziam e, “quando o caldo tinha várias coisas, não era mais um caldo, era uma festa” (Belén).

Rememoraram as festas que faziam com que ovelhas fossem carregadas por até oito quilômetros e os homens e mulheres traziam os queijos na cabeça. As mulheres de Lavacolla também tiveram anteriormente, a ideia de saírem para uma espécie de reconhecimento do lugar onde vivem. Novas memórias as fizeram perceber novamente o lugar onde ainda viviam, pois recordaram a sua beleza e, às vezes, muitas já não se davam conta de seu valor e do valor da natureza “cujos pescadores se encantam” (Ofélia). O lugar me pareceu um lindo vale rural com o rio que cortava o vale. Contam que “no lugar onde antes tinham as barcas, hoje tem uma ponte” (Socorro). Falam sobre a aceleração do mundo, da vida. O aumento da temperatura e suas consequências, como o degelo. “Antes o tempo era mais lento” (Ester). Falam da dependência de hoje do petróleo, dos grandes campos de cultivo que existem no Brasil, da fragilidade do solo amazônico.

Das memórias recordam que nada se perdia na cozinha, “pois não havia desperdício” (Maria). Não havia plástico, não havia lixo. Falam das conservas para manter os alimentos. “Que coisas de ontem podemos recuperar?” (Carlota). Falam da alimentação e das alternativas para comprarem seus produtos e, de preferência, em seu próprio bairro, produzido pela comunidade do local. Falam que produzem o sabão para roupas, o mesmo sabão para o rosto como tratamento caseiro eficaz de beleza. Falam do azeite feito com ervas e do chá de melissa. Recordam os marinhoiros, falam do comércio justo com produtos de qualidade. Questionam sobre “quando começamos a nos habituar com os produtos de hoje que não eram normais antes?” (Maria). O café, o cacau, a relação direta com os produtos que vinham das colônias portuguesas vulneráveis ao monocultivo. Identificam, junto aos rótulos dos alimentos, a sua

origem e o seu percurso.

Durante o acompanhamento das atividades, foi possível observar que a discussão girava em torno da investigação sobre o que um indivíduo experimenta em termos do fenômeno. Trata-se do contexto percebido, situações que influenciaram a experiência do fenômeno e como isso as afeta. Cabe ressaltar o que a pessoa está tentando alcançar, que coisa significativa está sendo dita, mesmo que não seja intencional. A sensação de algo acontecendo. Diante de tal realidade, foram compartilhados ensinamentos sobre o passado pelas mulheres participantes e sobre as incertezas de um futuro que está por vir. Observou-se a integração imediata dessas senhoras de maior idade junto a seus/suas filhos/as e netos/as, abordando em seu núcleo familiar e de amigos/as experiências com o projeto de educação ambiental e a mudança climática, cujo diálogo profícuo trouxe um presente de reflexões.

A implicação direta das pessoas na busca de alternativas aos problemas ambientais estaria diretamente relacionada com a busca de alternativas aos processos convencionais de tomada de decisão (Iglesias da Cunha & Pardellas Santiago, 2008). Não se trata apenas de uma forma de gerir os problemas ambientais. A pedagogia, ilustrada pelas teorias da educação libertaria, remete diretamente ao terreno comunitário (Cuevas Noa, 2014). Os valores voltados a um grupo, a uma comunidade, sempre estiveram presentes neste tipo de pedagogia, principalmente no espaço campesino, e afirma uma sintonia com certa rebeldia frente a estruturas de dominação econômica, social, política e cultural injustas. A originalidade proposta pela irreverente metodologia do Projeto previu que a dinâmica se incorporasse ao planejamento das atividades na leitura de narrativas.

As iniciativas do Projeto demonstram a contribuição para, entre outros, incentivar, fomentar e tornar mais efetivas as políticas ambientais, principalmente no que confere à emergência climática, considerando o potencial das comunidades em organizar-se e deliberarem sobre seus próprios estilos de vida, com base em suas lembranças do passado, diante de ameaças de escassez no futuro e compreendendo a necessidade de refletir sobre o presente. Neste contexto, o engajamento nas atividades possibilitou à pesquisadora a imersão em locais onde o fenômeno da emergência climática pode ser lido por uma perspectiva de *sentido*. Considerando a Educação Ambiental como um elemento estratégico da ação local, é possível concordar com os/as autores/as que o desenvolvimento de iniciativas neste campo pode contribuir substancialmente junto aos processos de sustentabilidade, de resiliência, ou seja, junto a um processo de transição ecossocial que requer uma profunda reflexão sobre a real situação da crise climática, de suas causas, potenciais impactos negativos, da definição de papéis e da interferência destes no fenômeno (Iglesias da Cunha & Pardellas Santiago, 2008). Neste sentido, foi importante a elaboração de uma estratégia local de Educação Ambiental junto aos centros socioculturais, com abordagem participativa, de organização comunitária, de interações, de discussões sobre a mudança climática em nosso dia a dia.

As narrativas demonstram que o modo cotidiano de ser é fator decisivo que determina a ocorrência significativa de tais alterações capazes de deliberar prioridades, propósitos, julgamento pré-reflexivo, entre outras. No modo cotidiano de ser reside o sentido do ser (Heidegger, 1927/1995). O diálogo com teorias filosóficas para a leitura das narrativas permitiu estabelecer uma base sólida e buscar uma filosofia engajada. Trata-se de um processo em que se pode articular, em um período de transição, um modelo de comunidade que se pauta pela reflexão de estratégias frente à questão energética, social, de consumo e alimentação. Cabe, portanto, à necessidade de preencher as lacunas invisíveis que conectam a vida cotidiana com as mudanças climáticas e propor alternativas rápidas e eficazes.

#### 4. Conclusão

A experiência vivida na Galícia, com as mulheres campesinas e os/as pesquisadores/as do SEPA, da USC e do “Projeto Descarboniza! Que não é pouco” foi de fundamental importância para a compreensão da dimensão científica, social e política da emergência climática. Apreendemos com as mulheres de Lavacolla um modo de ser em suas relações com os outros seres humanos e não humanos, ou seja, com um modo de vida original, local, a partir de uma visão global, dispostas a dialogarem sobre a qualidade do que consomem. Ao considerar a realidade objetiva sobre a emergência climática e a responsabilidade da mesma à atividade humana, faz-se necessário reconhecer a natureza filosófica, psicológica, social, ambiental e cultural do fenômeno e a necessidade de se construir políticas de mitigação, resiliência, resistência e adaptação, no sentido de reduzir os cenários de catástrofe à medida que estes vão se tornando reais.

Ao considerar a insurgência de atitudes capazes de dar conta da complexa questão sobre educação ambiental e a emergência climática, cada vez mais nos deparamos com a necessidade do envolvimento com posturas adequadas a um modelo de transição. Os resultados apresentados demonstram que as participantes, a partir das atividades do projeto, foram capazes de construir conhecimentos sociais específicos da realidade em que vivem e refletir sobre o seu próprio cotidiano. Observa-se ainda que, por meio da organização de várias sessões/encontros nos centros socioculturais dos arredores da cidade de Compostela para troca de informações e experiências junto a esse público adulto, as participantes reconheceram a emergência climática em um contexto global, reconsiderando-as em seu contexto local. As narrativas compartilhadas demonstraram que os modos de ser entrelaçam suas representações ambientais, sociais, políticas e econômicas ao longo de suas histórias existenciais, ao mesmo tempo em que revelam como a emergência climática se torna significativa no seu cotidiano.

Observa-se que, ao elencar um grupo de mulheres maiores de 65, alheias à questão

climática, porém implicadas na sua comunidade, com memórias de baixo consumo, diante de um presente de alto consumo energético e de emissões, a questão da emergência climática adquire uma possibilidade concreta, cotidiana. Ao falar de suas memórias de baixo consumo, falavam, também, de suas famílias, netos/as, filhos/as, pais/mães e avôs/ós. Também, a temática da mudança climática compreendida como neutra ganhou o aspecto emocional e, o que eram consideradas como práticas individuais, se tornaram coletivas, cujas intervenções pontuais passam a ser sequenciadas. Enfim, os resultados mostram o potencial de projetos de educação ambiental voltados à emergência climática que partem das necessidades e vivências das comunidades, com vista a processos de descarbonização de estilos de vida, fomentando a mudança individual e coletiva.

**Financiamento:** *O presente estudo foi realizado por meio de financiamento do Programa de Doutorado sanduiche no exterior / PSDE / Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior / Capes, Brasil.*

## Referências bibliográficas

- Crutzen, Paul J., & Stoermer, Eugene F. (2000). The “Anthropocene”. In Libby Robin, Sverker Sörlin, & Paul Warde (Eds.), *The future of nature: Documents of global change* (2013, pp. 483-490). Yale University Press. <https://doi.org/10.12987/9780300188479-041>
- Cuevas Noa, Francisco (2014). *Anarquismo y educación: La propuesta sociopolítica de la pedagogía libertaria*. Fundación Anselmo Lorenzo.
- Heidegger, Martin (1995). *Ser e tempo*. Vozes. (Publicado originalmente em 1927)
- Heras Hernández, Francisco, Meira Cartea, Pablo, & Benayas del Álamo, Javier (2016). Un silencio ensordecedor: El declive del cambio climático como tema comunicativo en España 2008-2012. *Redes.com: Revista de Estudios para el Desarrollo Social de la Comunicación*, 13, 31-56.
- Iglesias da Cunha, Lucia, & Pardellas Santiago, Miguel (Eds.). (2008). *Estratexias de educación ambiental: Modelos, experiencias e indicadores para a sostenibilidade local*. Eixo Atlântico do Noroeste Peninsular.
- Iglesias da Cunha, Lucia, Pardellas Santiago, Miguel, & Gradaílle Pernas, Rita (2020). Invisible audiences, unlikely educational spaces: the “Descarboniza! Que non é pouco...” project as education for climate change. *Pedagogía Social. Revista Interuniversitaria*, 36(1), 81-93. [https://doi.org/10.7179/PSRI\\_2020.36.05](https://doi.org/10.7179/PSRI_2020.36.05)
- Inwood, Michael (2002). *Dicionário Heidegger*. Jorge Zahar.

- Intergovernmental Panel on Climate Change. (2021). *Climate change 2021: The physical science basis. Working group I contribution to the IPCC sixth assessment report*. IPCC. <https://www.ipcc.ch/report/sixth-assessment-report-working-group-i/>
- Meira Cartea, Pablo (2015). Resclima: A relevancia do factor social para enfrontar o cambio climático. *Cerna*, 74, 28-30. [http://www.adega.gal/media/documentos/cerna\\_74\\_optimizado.pdf](http://www.adega.gal/media/documentos/cerna_74_optimizado.pdf)
- Meira Cartea, Pablo (2010). *Proxecto Fénix: Unha aproximación á cultura ambiental da sociedade galega: Estudo demoscópico da Sociedade Galega de Educación Ambiental*. Xunta de Galicia.
- Moscovici, Serge (1986). *Psicología social*. Paidó.
- Pardellas Santiago, Miguel, Meira Cartea, Pablo, & Iglesias da Cunha, Lucia (2017). El movimiento de las comunidades en transición y la educación ambiental. In Mónica Arto Blanco & Pablo Meira Cartea (Eds.), *Resclima: Aproximacion as claves sociais e educativas do cambio climático* (pp. 47-52). Aldine Editorial.
- Paul, Kalpita Bhar (2017). Introducing interpretive approach of phenomenological research methodology in environmental philosophy: A mode of engaged philosophy in the Anthropocene. *International Journal of Qualitative Methods*, 16(1). <https://doi.org/10.1177/1609406917724916>
- Salgado-Laboriau, Maria Léa (1996). *Historia ecológica da Terra*. Edgard Blucher.
- Taibo, Carlos (2019). *Colapso: Capitalismo terminal, transición ecossocial, ecofascismo*. UFPR.
- Trevisol, Joviles Vitorio (2003). *A educação ambiental em uma sociedade de risco: Tarefas e desafios na construção da sustentabilidade*. UNOESC.
- Williams, Mark, (2016). The Anthropocene: A conspicuous stratigraphical signal of anthropogenic changes in production and consumption across the biosphere. *Earth's Future*, 4(3), 34-53. <https://doi.org/10.1002/2015EF000339>